

# RELAÇÕES ENTRE AS POLÍTICAS CURRICULARES OFICIAIS E A CRIAÇÃO COTIDIANA DE CURRÍCULOS

*Fernanda de Araújo Dias*

*Liberdade não é escolher entre as opções que a colonialidade nos dá, mas ter a coragem e a ousadia de questionar sua própria oferta.*  
*Geni Nuñez*

## **“Nós já éramos independentes”: currículos que se desviam da submissão.**

Caro leitor, quero te contar a história de uma professora que foi interpelada pelo inesperado que mora na experiência de praticar as escolas. Era a manhã do dia seis de setembro de dois mil e vinte e dois, e a professora (que é a mesma que vos escreve) estava recebendo as crianças para iniciar a aula, na escola indígena guarani mbyá em que atua, situada em uma aldeia no município de Maricá, no Rio de Janeiro. Assim como todas as outras escolas do município, nossa escola também é atravessada pelo “currículo mínimo” de Maricá, que está fortemente baseado na Base Nacional Comum Curricular. Mas, como pensar o comum proposto pela BNCC, que não é fruto de um consenso coletivo, dentro de uma aldeia, cuja cosmologia é perpassada pelo respeito à diversidade, senso comunitário e liberdade? As crianças já me convocariam para pensar sobre isso.

Seguindo (e ao mesmo tempo desobedecendo) os documentos curriculares municipais, comecei a aula de história falando sobre memória, liberdade, representações do Brasil e porque não teríamos aula no dia seguinte, que seria feriado, dia 07 de setembro. A conversa foi acontecendo, e após explicar um pouco mais sobre a independência do Brasil em relação a Portugal, Eloá Para Mirim me interrompe e diz: — Professora, antes dos portugueses chegarem no Brasil, nós já éramos independentes. É importante lembrar que os guarani mbyá foram uma das etnias que ocupavam a região costeira do nosso país. Inclusive, o nome que usam para se referir aos não indígenas – juruá – significa “boca com cabelo” e faz referência

as barbas e bigodes dos colonizadores europeus que aqui aportaram. As histórias de luta e dominação são vivas na memória da comunidade e das crianças. E, antes que eu pudesse responder, Thalia Araí continuou: — Já que somos independentes e livres, quero fazer uma bandeira do Brasil indígena guarani mbyá. Ela vai ter um pouco de vermelho, da cor do urucum.

Fiquei emocionada, surpresa e animada para embarcar na proposta da minha aluna. E não fui a única. Rapidamente um alvoroço tomou conta das crianças. Mudamos o que estava planejado e elas começaram a fazer releituras de como seriam as bandeiras do Brasil guarani mbyá. Algumas muito próximas da bandeira que conhecemos, outras vermelhas com o urucum que é plantado e utilizado na aldeia.



Imagem 1: Bandeiras do Brasil Guarani produzidas nesta aula.



Imagem 2: Bandeiras do Brasil Guarani autores.

Diante desta experiência, pude, uma vez mais, refletir sobre a independência dos cotidianos escolares. Eles não dependem de documentos curriculares para serem tecidos, e ainda que existam documentos curriculares que os tensionam a homogeneização, os cotidianos escolares os suplantam em vida, por meio dos deslocamentos e movimentações das diversas redes de saberes ali presentes. Professores e alunos não são reprodutores. Ao acionarem os sentidos, a intuição, suas experiências, organizam e reorganizam seus repertórios cognitivos e criativos e é precisamente por isso que dão vida aos currículos.

Que nunca esqueçamos de que estamos constantemente criando trilhas, caminhos e maneiras de fluir no diálogo entre o que é demandado por documentos curriculares oficiais e o que é possível (e faz sentido) de ser executado nas salas de aula. Podem tentar nos submeter, mas Araí me lembrou (e eu espero que você também se lembre): ainda podemos ser livres. E que sejamos.

## Referências

ALVES, Nilda. (org.) et al. **Criar Currículo no Cotidiano**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DIAS, F. A. **Formação de professores em rede: conversas com currículos e com a BNCC no 1o segmento do ensino fundamental**. Orientador: Rogério da Costa Neves. 2020. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Básica) - Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2020

### *Sobre a autora:*

Fernanda de Araújo Dias é doutoranda pelo PPGEdu/UERJ, mestre em Educação Básica pelo Colégio Pedro II, professora na Fundação Municipal de Educação de Niterói/RJ e de Maricá/RJ, onde atua respectivamente com turmas de anos iniciais do ensino fundamental na EJA e na Educação Escolar Indígena Guarani Mbyá.